

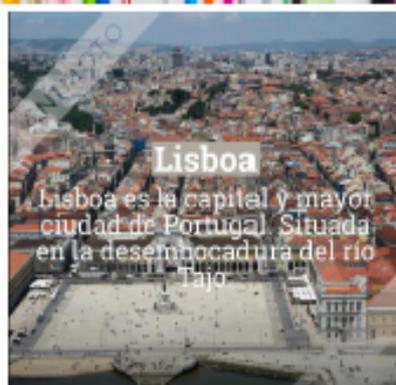
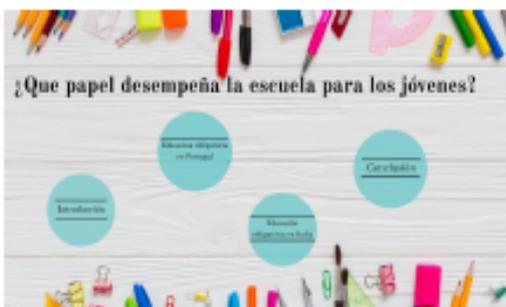
Projeto Europeu eTwinning

Os alunos do 10.º2, 10.º3 e 11.º2 participaram em dois projetos europeus, através da plataforma eTwinning: *Europa: ¡Muchas Naciones, un solo País!*; *Los jóvenes de hoy: como son, que futuro.*

Estes projetos foram promovidos e dinamizados pela professora Ana Margarida Sousa, no âmbito da disciplina de Espanhol. Durante todo o ano letivo, os alunos estiveram em contacto com os seus parceiros de projeto, de Itália (Varese e Molise), Espanha (Santander) e da bonita cidade de Braga. Os alunos aprenderam a trabalhar com novas aplicações informáticas:

padlet, prezi, genially, animoto, entre outras. Foi

Escola Secundária D. João V - Lisboa



Nunca é um bom dia para morrer

... lá estava ele, deitado no chão, com três tiros na cabeça e um no peito. Eu, parada, pálida, com lágrimas nos olhos, sem poder fazer nada...

Eu era apenas uma simples rapariga, honesta. Até que, uma certa manhã, fui sequestrada à frente de um hospital. Quando acordei, vi-me presa numa cela. Ao lado, havia mais 49, e cada uma tinha alguém dentro.

Algum tempo depois, chegaram dois homens armados e levaram-me para uma sala. Era a sala principal. Lá estava um homem com máscara que se dirigiu a mim e falou com uma voz irónica:

- O jogo vai começar!

O jogo consistia em salvar os outros prisioneiros. Se eu quebrasse alguma regra, todos morreriam. Todo o jogo seria transmitido em direto para um aplicativo. Os telespectadores escolheram-me através de votação.

Naquela manhã eu tinha acabado de perder a minha mãe. O meu pai era apenas um político milionário que nem teve tempo de se despedir da sua amada. Antes de morrer, a minha mãe tinha-me dito para ser forte, pois o mundo não é justo. Agora tudo fazia sentido.

Mal amanheceu, à porta da minha cela estava um rapaz de olhos azuis, sorrindo para mim. Ele disse-me para não ter medo, pois eu só tinha que seguir as regras. Depois levou-me para uma sala diferente das outras. A porta abriu-se e entrou o homem de máscara, e, atrás de si, duas prisioneiras. As duas estavam amarradas. Deitaram-se à minha frente.

- Uma delas tem família, filhos e um trabalho honesto. A outra é apenas uma prostituta! – disse o homem de máscara. Qual delas devo matar?

Eu, sem saber o que fazer, comecei a chorar, implorando que me matasse. De repente, ouviram-se dois tiros. Quando abri os olhos, havia sangue a escorrer pelo meu rosto.

- O que foi que eu fiz? - perguntei-me, sem saber o que fazer.

E, naquele instante, percebi que esta tinha sido a primeira fase.

“Eu falhei”, era a única coisa que eu conseguia dizer, enquanto o rapaz de olhos azuis me limpava o rosto.

Passaram-se dias, e a mesma cara sorridente vinha-me visitar, trazendo alimentos. Chegando à quinta fase e eu consegui salvar sete pessoas. E treze, lamento, morreram.

- Como é que você se sente?

Eu, sem dizer nada, aproximei-me do rapaz dos olhos azuis e abracei-o, com as lágrimas nos olhos.

- Por favor, ajude-me!

Ele, sem dizer nada, beijou-me e sussurrou ao meu ouvido:

- Venho ver-te de madrugada.

Naquele momento, eu percebi que ainda tinha esperanças.

Sábado chegou. Estava quase a amanhecer, quando ao fundo do corredor ouvi o barulho de passos em direção à minha cela.

- Temos de ir – disse ele, abrindo a cela. Chamava-se Juan e era sobrinho do homem de máscara.

Andámos durante muito tempo. Ninguém suspeitou. Abrimos a porta de saída. Lá fora estavam vários polícias armados.

- Estamos salvos!

Juan dirigiu-se a mim, lentamente, e sussurrou ao meu ouvido:

- Não são polícias...

E, de repente, ouviram-se vários disparos.

Lá estava ele, deitado no chão, com três tiros na cabeça e um no peito. E eu, parada, pálida, com lágrimas nos olhos, sem poder fazer nada...

Márcia Martins, n.º 29, 9.º 3.º